

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE O DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA E A INFLUÊNCIA EUROPEIA DE ENSINO

A REFLECTION ON EDUCATION IN BRAZIL: A HISTORICAL LOOK AT THE DISCOVERY OF AMERICA AND THE EUROPEAN TEACHING INFLUENCE

Giovani Henrique Pertile

Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas.

E-mail: giovanihenriquepertile@gmail.com

Cristiane Perin

Graduanda em Letras pela Universidade de Passo Fundo.

E-mail: 163634@upf.br

RESUMO:

Este trabalho tem o objetivo de explicar o processo de pensamento educacional no Brasil, tendo o enfoque em algumas correntes filosóficas, em especial, o iluminismo e o positivismo. Ter-se-á em vista o contexto histórico para tal abordagem, desde o pensamento filosófico europeu (inserido em nosso país pelo método jesuíta de evangelização) até a influência dos métodos tecnicistas deixados pelo legado positivista (que tinham por ideal a ordem e o progresso). Sob um olhar global, buscar-se-á demonstrar, através de uma pesquisa de referencial teórico, os desafios educacionais no século XXI, bem como sugerir propostas de ensino para a superação das incrustações deixadas pelo modelo positivista. O caráter crítico das visões metodológicas contemporâneas sobre

a forma tradicional de educação se fazem presentes neste trabalho, de modo a buscar-se uma forma de repensar as relações entre o educador e seus alunos. O ensino tradicional, por adotar uma postura monológica de lecionar, já não consegue alcançar um saber que inspire, no aluno, a criticidade sobre a realidade; apenas lhe confere aptidão à reprodução de proposições pré-estabelecidas. Como proposta, o artigo aponta modelos de educação que ligam a pedagogia à filosofia da educação, estabelecendo um vínculo capaz de edificar nos alunos e professores uma relação mútua de conhecimento, aprendizagem e ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da educação. Pedagogia. Positivismo lógico.

ABSTRACT:

This work aims to explain the educational thought process in Brazil, focusing on some philosophical currents, in particular, the Enlightenment and Positivism. It will take into account the historical context for such an approach, from European philosophical thought (introduced to our country by the Jesuit method of evangelization) to the influence of the technicist method left by the positivist legacy (whose ideal was order and progress). From a global perspective, we will seek to demonstrate, through a theoretical reference research, the educational challenges in the 21st century, as well as to suggest teaching proposals for overcoming the incrustations left by the positivist model. The critical character of contemporary methodological views on the

traditional form of education are present in this work, in order to seek a way to rethink the relationships between the educator and his students. Traditional teaching, by adopting a monological stance of teaching, can no longer achieve knowledge that inspires, in the student, the criticality about reality; it only gives it the ability to reproduce pre-established propositions. As a proposal, the article points out models of education that link pedagogy to the philosophy of education, establishing a bond capable of building in students and teachers a mutual relationship of knowledge, learning and teaching.

KEY-WORDS: Philosophy of education; Pedagogy; Logical positivism.

1 INTRODUÇÃO

A Filosofia ocidental, surgiu na Grécia antiga por volta do século VI a.C, buscou a superação dos mitos criadores encontrados especialmente nas obras literárias: *Ilíada* e *Odisseia* (de Homero e Hesíodo). Ao superar os mitos, a filosofia manifesta essencialmente sua preocupação de cunhar um caráter crítico acerca da realidade que envolve o ser humano. A busca pela verdade (*episteme*) como superação da mera opinião (*doxa*), fez com que a Filosofia se ramificasse em ciências voltadas a práticas, como Direito, Pedagogia, Sociologia etc.

Aristóteles, ao definir o ser humano como *zôon logôn échan* (vidente dotado de palavra), assegura o caráter da importância da socialização humana. Seres falantes inseridos em um universo linguístico, que por sua singularidade vivem transmitindo enunciados e proposições que gozem de caráter lógico, obedecendo a uma cadeia de significantes que levam os seres ao entendimento daquilo que se propõe a expressar.

Imbuídos em universo de tantas formas de linguagem e expressões (digitais, analógicas e gestuais) o homem reinventa-se a cada dito, que perpassa épocas e culturas ao longo dos séculos. A forma contemporânea de educar, apenas foi possível devido à cadeia de significantes convencionados, que tornaram os animais humanos capazes de relações linguísticas singulares, se comparadas às demais espécies conhecidas biologicamente. É por meio da palavra que se tenta alcançar o objeto. É o verbo quem fala o homem; ele o cria e por ele é contado. O sistema simbólico (linguagem), apresenta a noção que o ser humano, singularmente às demais espécies, é capaz de comunicação convencionalizada, expressa também pela arte, pela música e pelos ritos.

Ao longo da história humana, o homem buscou responder questões que o intrigavam interna e externamente. Ao contemplar os astros, os filósofos da natureza passaram a buscar um princípio originário de todas as coisas. Aristóteles afirma que a filosofia nasce

do espanto. É o espanto e a admiração que fazem com que o ser humano se indague e busque o saber, deixando de lado a opinião (*doxa*).

Com o passar do tempo, os enunciados precisavam ser transmitidos de forma que a humanidade deixasse marcas para as futuras gerações. A linguagem apresentou-se como o melhor método para a transmissão das memórias, que inicialmente eram transmitidas essencialmente pela forma gestual e oral. Na Grécia estabelece-se notavelmente a sistematização de ciências, reunidas de povos que com eles estabeleciam relações, em especial marítimas.

É pela história que se revivem e aprendem elementos da cultura. O pensamento grego persiste na cultura ocidental sob a forma de ciência. Muitos métodos de educação foram sendo inseridos na sociedade, bem como alguns regramentos se faziam necessárias ao educador, servindo de parâmetros orientadores para o ensino. Levando em conta o contexto histórico, é possível entender a realidade educacional das nações, que com suas particularidades, norteiam a educação.

Em nosso país, colonizado pelos portugueses, a educação no século XVI esteve fundada sob valores cristãos, onde os padres da Companhia de Jesus seguiam da metodologia do período escolástico. O contexto estava fundado na logística e catequização desses povos, que foram vistos com estranhamento na "descoberta" do continente Americano.

Depois da expulsão dos jesuítas, sob pretexto de iniciação de uma educação baseada nos moldes iluministas, o contexto educacional brasileiro recebe uma legislação própria, que partia do governo brasileiro e não estava mais estritamente sujeita à Portugal. Os filhos de famílias abastadas costumavam estudar fora do Brasil, em nações europeias. Havia poucos professores, que além de pouco preparados, eram mal remunerados.

Os cursos técnicos começam a estabelecer-se no país com o início do processo de industrialização, tendo por objetivo a capacitação de mão de obra populacional

capaz de suprir o mercado trabalhista. Com a Proclamação da República em 1889, paulatinamente a educação no Brasil vai moldando-se conforme o ideário positivista, que centralizava as ciências empíricas.

O positivismo, ainda latente no século XXI, expressa-se especialmente nas formas tradicionais de educação. Esse método disciplinar, avalia o aluno utilizando-se de formas que já se tornaram incapazes de levar em conta a realidade social dos educandos. Para uma educação de qualidade, que perceba o contexto social e familiar, o ensino precisa estar baseado na relação mútua professor-aluno, estabelecida não em forma de monólogo, mas na escuta e reciprocidade, denotando que o conhecimento seja uma construção e não uma mera reprodução estacionária.

2 UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO

A Grécia foi o berço de diversas escolas de pensamento, muitas correntes filosóficas ofereciam suas maneiras próprias na metodologia de ensino. "A escola Pitagórica baseava seus ensinamentos na matemática e música" (MARCONDES 2017, p. 33), enquanto Aristóteles, mesmo ocupando-se de áreas empíricas como a biologia e astronomia "tinha escasso amor pela matemática" (REALE 2014, p. 192). Aristóteles fora aluno de Platão por dezenove anos. Na academia, aprendera o idealismo do mundo das ideias (hiperurânio), da qual posteriormente, ao fundar o Liceu¹ deixa-o de lado, por valorizar mais o conhecimento sensível.

Tanto Aristóteles, como Platão tinham uma didática para ensinar. Aristóteles dispunha de duas formas para ministrar suas aulas, uma chamada esotérica (interna à escola, dirigida aos alunos) e outra exotérica (voltada às aulas públicas). É saliente que esses dois pilares da filosofia receberam influência de um filósofo

que nada teria escrito (Sócrates 469-399) que se ocupava diariamente da " discussão pública com qualquer um que quisesse discutir com ele" (CAMBRIDGE, 2011, p. 869).

Nota-se que desde a Grécia antiga, as escolas tinham peculiaridades. A maneira de transmitir o saber foi uma preocupação que deixou marcas em todo o ocidente. O ensino, no âmbito filosófico, consolida-se com a Filosofia da Educação, entendida como "ramo da filosofia que se ocupa de praticamente todos os aspectos do empreendimento educacional" (CAMBRIDGE, 2014, p. 352).

A influência grega desenvolveu um caráter reflexivo acerca do saber. Falar do ser humano é transitar pelo modo como ele se constituiu. Segundo Aranha e Martins (2009), o conhecimento está intrinsecamente envolvido com todos os aspectos constituidores do ser humano, e nisso insere-se a cultura e a tradição. Por isso, a preocupação em transmitir às crianças um conteúdo baseado na ciência reflexiva se torna relevante até os dias de hoje. O saber filosófico tem um caráter questionador porque aponta os caminhos para o saber racional. A ciência "se limita ao domínio do que pode ser observado pelos sentidos" (BONIN, 2018, p. 3). Educar é seguir um método que passa pela régua da ciência. Por isso a Filosofia da Educação não pode caminhar solitariamente, ela tem o caráter de mostrar ao educador os modos primordiais que precisam ser levados em conta ao ensinar, como por exemplo a valorização do indivíduo humano, entendido como sujeito dotado de tradições, costumes e crenças.

Ligada à Filosofia, a educação passa a ser vista como uma questão filosófica, já que discute os problemas, os avanços e as sugestões para um ensino mais holístico que leve em conta a realidade dos educandos. No Brasil, o pedagogo Paulo Freire, considerado um dos maiores educadores internacionais, percebe a escola como um veículo para a

¹ Segundo Reale (2014), o nome Liceu deve-se ao fato de Aristóteles, no ano 335 a.C, alugar alguns espaços que se localizavam próximos ao templo de Apolo Lúcio. O que importa é que esse peripateta dispunha de ambientes para o ensino, mesmo que preferisse ensinar perambulando.

conscientização e transformação social; foi responsável por levar a pedagogia a muitas áreas carentes e reinventar um método, considerado libertador e eficaz de aprendizagem, àqueles excluídos socialmente.

3 EDUCAÇÃO NO BRASIL

Ao se falar de educação, é preciso ter em mente o caráter reflexivo sobre a metodologia utilizada em cada período da história humana. O contexto de cada século perpassava uma especificidade na área de educativa. Muitas limitações foram impostas devido ao sistema capitalista, barreiras como as notadas nos dias de hoje em nosso país, especialmente nas periferias, onde se percebem fortes desigualdades sociais. A educação se relaciona à sociedade; o contexto escolar concatena-se com o sistema educacional, com a realidade dos educandos e educadores, bem como alinha-se ao sistema do pensamento governamental que estipula as diretrizes de ensino:

Cada escola é parte de um sistema de educação, que emana orientações específicas, sendo composta por pessoas diferentes, cujas histórias de vida, formação profissional e experiência encaminham uma determinada concepção de educação [...] Existem escolas (e sistemas de ensino) que ainda seguem uma prática baseada na divisão de tarefas e hierarquização de papéis, até outras que buscam a unidade do trabalho pedagógico por meio de uma gestão democrática, na qual há tarefas diferentes, mas as decisões são coletivas, negociadas (SUHR, 2012, p. 46).

O sistema de educação no período da chegada dos europeus no Brasil, seguiu orientações hierarquizadas, é certo que não se pode julgar o passado, antes é preciso aprender com ele. Segundo Vasconcelos (2011), no Brasil,

educação sob modelo ocidental foi inserida pelos padres jesuítas desde os primórdios da colonização sob um modelo escolástico. Seguiam modelos pré-estabelecidos pela Igreja, com objetivo de catequização dos indígenas. Educavam por meio do método pedagógico *Ratio Studiorum*.

Conforme Oliveira (2012), no século XVI, ocorre uma reviravolta de pensamento na Europa. A burguesia questiona a forma medieval de estruturar-se economicamente (passagem do feudalismo ao capitalismo), indagando as posturas do poder absolutista, passando a oferecer um elã às atividades mercantis. A revolta queria pôr fim ao regime feudal, bem como “transformar súditos em cidadãos” (SAVIANI, 1989, p. 18).

A Escolástica² (que em linhas gerais marca o paulatino fim do medievo e entrada na modernidade) teve produções muito similares no que se refere a publicações literárias (os autores em geral escreviam usando do mesmo método, usando-se de um padrão de escrita). Conforme Cambridge (2011), a escolástica teve origem nas faculdades de Direito, com nitidez em Bolonha - Itália, e depois alastrou-se para outras áreas de ensino como a Teologia e Filosofia.

Um método desse período é comum: utilizar-se de uma estrutura semelhante a dialética, onde existe confronto de duas teses (uma favorável e outra contrária a determinado assunto), para concluir com uma síntese (resposta). A maior obra conhecida que segue esse modelo de ensino é a *Suma Teológica* de Santo Tomás de Aquino³.

É certo que os ameríndios tinham suas próprias formas de educar (geralmente de forma oral), porém a visão europeia se insere com força na América por meio desse modelo, que centralizava 467 normas, capazes de uniformizar todos os colégios jesuítas do mundo, e, por conseguinte, a postura com que o

2 “Escolástica: Conjunto de técnicas escolares e instrucionais desenvolvidas nas escolas das universidades da Europa Ocidental no final do período medieval, que incluíam o uso do comentário e da questão comentada [...] é uma palavra derivada do latim *scholasticus*, que no século XII significava o mestre de uma escola” (CAMBRIDGE, 2011, p. 286).

3 “Tomás de Aquino nasceu em Roccasecca em 1221 [...] é o representante máximo da Escolástica. Sua teologia é considerada como *preambulum fidei*, ou seja, como preparação para a fé, mas exatamente por isso ela goza de autonomia própria” (REALE, 2015, p. 211).

educador deveria portar-se diante dos alunos.

As características da Educação colonial estiveram associadas às mudanças religiosas da época, às discussões humanistas e científicas, às organizações políticas das monarquias absolutistas, à expansão da burguesia mercantilista e à composição Igreja-Estado. Apesar da característica universalista de sua doutrinação religiosa, a ação católica associou-se aos interesses políticos e econômicos dos colonizadores portugueses (GONÇALVES, 2012, p. 63).

O método de ensino jesuíta, fundado sobre uma epistemologia realista, tomava os educandos como uma espécie de tábula rasa, onde o olhar do professor voltava-se ao aluno numa relação (sujeito-objeto). Em geral, o aluno deveria assimilar e reproduzir os conteúdos já estipulados; a educação visava a fé católica, a catequese e os bons costumes. José de Anchieta foi um dos responsáveis pela criação de inúmeras escolas, além de ter sido um dos fundadores da cidade de São Paulo.

No século XVIII, a educação teve como marco no Brasil a influência da corrente iluminista. Alguns movimentos populares até hoje lembrados desse período são: Revolução Pernambucana (1817), Revolução Farroupilha (1835) e Inconfidência Mineira (1789). O ideal Iluminista buscava uma reivindicação aos abusos de poder, seja do Estado como da Igreja, tendo em vista centralizar a ciência e a racionalidade como método para o alcance da verdade.

Segundo Marcondes (2017), o Iluminismo teve como ideais: a liberdade, que se opunha ao absolutismo, visando o comércio baseado na livre concorrência (independendo-se do poder monárquico); o individualismo, que apresentava o sujeito de forma autônoma (isso se ramificava também no âmbito educacional) e a igualdade jurídica, que dentre outros fatores, procurava combater os privilégios da nobreza.

O período das luzes teve impacto pedagógico em nosso país com a publicação da obra: "*O verdadeiro método de estudar*", do sacerdote Luís Verney. Na obra, Verney faz crítica ao método tradicional impositivo de ensinar, e sugere o estudo da língua de origem dos estudantes, e não apenas do latim.

A tradição iluminista, advinda de uma crise no âmbito religioso tradicional e feudal, alicerça suas bases na concepção de livre iniciativa econômica. O capitalismo brota dos burgos das cidades, que aos poucos aumentavam populacionalmente, dos feudos às ruas dos conglomerados urbanos. Esse foi o percurso de muitos que efetuaram o êxodo rural no final da Idade Média.

O maior representante do modelo iluminista no Brasil, no que se refere à educação foi o Marquês de Pombal (1699-1782), que expulsou os padres jesuítas em 1759, com a intenção de reformular o ensino. Pombal insere 'aulas régias', que essencialmente voltavam-se a fórmulas isoladas, tratando de ciências como: línguas clássicas, oratória e Filosofia.

4 O NATURALISMO E O ILUMINISMO

Com a Revolução Copernicana, o pensamento acerca do ensino passa por uma crise. A ideia teocêntrica de ensinar vai aos poucos cedendo espaço à uma prática de ensino empirista. Na Europa muitos autores⁴, pasmos com a "descoberta" do continente Americano, passam a questionar-se sobre quem seriam os habitantes do Novo Mundo, e adotam as mais diferentes reflexões. É certo que ocorreram grandes dificuldades de entendimento, já que os relatos eram mirabolantes. Lê-se uma carta de Pero Vaz de Caminha, endereçada ao rei de Portugal:

Esta figura mostra-nos a gente e a ilha descoberta pelo cristianíssimo rei de Portugal ou por seus súditos. Estas pessoas são nuas, belas e de cor parda, bem-feitas de corpo. Sua

4 Destes autores podemos destacar três: Montaigne (1533-1592), Voltaire (1699-1778) e Hegel (1770-1831).

cabeça, pescoço, braços, partes íntimas e os pés dos homens e mulheres são ligeiramente cobertos por penas. Os homens também usam na face e no peito muitas pedras preciosas. Ninguém possui nada, mas todas as coisas são comuns. E os homens tomam por esposa as que mais lhe agradam, sejam elas suas mães, irmãs ou amigas, pois não fazem nenhuma distinção. Lutam mutuamente, comem-se uns aos outros, mesmo aqueles que massacram, e penduram a carne sobre o fumo. Vivem cento e cinquenta anos. E não possuem governo (MARCONDES, 2017, p. 150).

Notam-se elementos descritivos ingênuos e de certa forma denigrativos. Mesmo assim, a reviravolta no pensamento dos intelectuais europeus é inevitável. Porém quem seriam esses povos ultramarinos? Eram gente como os europeus? Tinham alma? Essas perguntas atordoavam a Europa, e inúmeras teorias antropológicas passam a liquidar-se.

O modelo de educar, que se baseava anteriormente em memorizar fórmulas prontas, cede lugar à oposição entre a natureza e a forma social de vida. Segundo Vasconcelos (2011), a corrente naturalista surge nesse período, nela se percebe a natureza humana como essencialmente boa. O maior representante desse pensamento foi o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que visa a ideia do contrato social nesse período.

O contrato garantiria a liberdade do homem, que antes estava sujeito ao bel prazer do monarca. Como pano de fundo temos a dignidade humana que se demonstra pelo fato de viver socialmente e de ter direitos garantidos, desde que entregue elementos naturais (como a força) para o Estado. Uma crítica dirige-se assim ao sistema social absolutista de governo, que seria responsável por grande parte da corrupção humana.

Através da obra *Emílio* ou da educação (ROUSSEAU, 2004), manifesta-se com tenacidade o pensamento naturalista,

enraizado como método pedagógico. Em síntese, a obra fictícia, partindo do personagem e aluno Emílio, mostra que a educação deveria seguir um modelo que se aproximasse do estado de natureza. Emílio cresce isoladamente, porque a sociedade corromperia a bondade original humana. A criança, ao permanecer fora do contexto social, evitaria o desenvolvimento da maldade e corrupção dos humanos já 'civilizados', afastando-a assim dos vícios.

Segundo Vasconcelos (2011), o naturalismo consegue fortalecer o método pedagógico de ensino ao superar a segregação aristocrata, que não ligava a teoria à prática de vida naquilo que tangencia a educação. Como pontos positivos, a educação pensada por Rousseau fortalece o estímulo ao desenvolvimento e aprendizagem por meio dos sentidos e a valorização da liberdade da criança, que orientava a não usar do castigo como método disciplinar.

A "descoberta" da América provocou uma revolução de pensamento na Europa, especialmente no refere-se ao entendimento de conceitos como: humanidade, criacionismo, ciência e geocentrismo. Essa revolução de pensamento, desencadeou nos séculos seguintes, um paulatino abandono das teorias teocêntricas e a adoção de modelos puramente empíricos. A Revolução Francesa (1789-1799) demonstrou por meio da revolta popular, o anseio pela independência do regime absolutista, bem como o desejo de independência da razão sobre a fé não refletida.

50 POSITIVISMO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Segundo Sciacca (1968), o positivismo surge no século XIX como uma reivindicação proveniente de ciências particulares (puramente empíricas) sobre as explicações do idealismo transcendental alemão, que cunhava muitas noções de conhecimento metafísicas. Percebe-se uma pretensão agnóstica ou negativa quanto ao que se insere

no campo da especulação, isso influencia a filosofia e pedagogia em âmbitos práticos, já que até então os modelos de educar eram baseados na fé e religiosidade (jesuítas).

O positivismo é um reflexo das pretensões da modernidade, "uma consequência natural do empirismo radical ou britânico e do atomismo lógico" (CAMBRIDGE, 2011, p. 736). O movimento positivista surge com o sociólogo francês Augusto Comte (1798-1857), suas ideias repercutem uma grande valorização da observação, fazendo da ciência social (sociologia) o grande objeto de seus estudos. A filosofia para Comte deveria ser uma "metodologia para a ciência" (SCIACCA, 1968, p. 141).

O pensamento de Comte apresenta um ideal evolutivo, isso significa que a sociedade e a educação percorrem graus até chegarem ao ápice, que segundo Comte, estão infusos no estágio científico. Ao explicar sua teoria social, o autor apresenta três estágios, que são percorridos paulatinamente: Teológico, metafísico e científico.

Por meio da Lei dos Três Estados, Comte apresenta momentos em que a sociedade percorre até alcançar o grau científico. As três leis são lineares, nisso se entende que os primeiros dois estados (teológico e metafísico) são superados gradualmente com a clarificação das noções empíricas de conhecimento.

O estágio científico, é entendido como o domínio do homem sobre a natureza que o cerca. Assim, no terceiro momento, os dogmas religiosos, as crenças não justificadas e muitas tradições herdadas da escolástica caem por terra. A busca pela verdade empírica, de caráter analítico é de suma importância para a compreensão desse movimento, que também se instala no Brasil no campo educacional.

Comte, em seu escrito "*Discurso sobre o Espírito Positivo*", publicado em 1844, mostra que o estágio teológico tem como característica, explicar a natureza e a sociedade, fazendo menção às divindades, ligando-se assim ao politeísmo e fetichismo. Nesse primeiro momento, o todo sobressai

sobre a parte, ou melhor, o universal explica o particular.

O pai da sociologia, mostra que tanto a "teologia [como] a metafísica tenta[m], antes de tudo, explicar a natureza íntima dos seres, a origem e o destino de todas as coisas, o modo essencial de produção de todos os fenômenos" (COMTE, 1978, p. 47). Somente no estágio positivo, o ser humano faria o avanço necessário para o progresso industrial, educacional e tecnológico. Ao falar de educação, Comte mostra que:

O problema geral da educação intelectual consiste em fazer com que, em poucos anos, um único entendimento, muitas vezes medíocre, chegue ao mesmo ponto de desenvolvimento atingido, durante uma longa série de séculos, por um grande número de gênios superiores, que aplicaram, sucessivamente, durante a vida inteira, todas as suas forças ao estudo de um mesmo assunto. É claro, com isto, que, apesar de ser infinitamente mais fácil e mais curto aprender do que inventar, seria certamente impossível atingir o fim proposto se pretendêssemos sujeitar cada espírito individual a percorrer sucessivamente os mesmos passos intermediários que teve de seguir necessariamente o gênio coletivo da espécie humana. Daí a necessidade indispensável da ordem dogmática, tão perceptível hoje entre as ciências (COMTE, 1978, p. 28).

O positivismo desenvolve-se baseado em uma modelo que valoriza a disciplina dos alunos. A ordem e o progresso, advindos por meio da ciência e educação, fizeram com que em nosso país, as ciências empíricas fossem estimuladas, enquanto áreas como a filosofia, metafísica e arte passaram a ser deixadas em segundo plano.

Segundo Vasconcelos (2011), algumas faculdades surgiram no Brasil baseadas no espírito positivista. Pode-se destacar a Escola de Recife, voltada ao Direito, adotando uma postura republicana e de opção laica. Nota-se que duas formas de positivismo se formam no país. A primeira, denominada positivismo ortodoxo, se desenvolveu na região sul, pareceu

moldar-se a partir de comportamentos estruturais da Igreja Católica, no sentido de fazer da organização da doutrina positivista uma religião. No Estado do Rio Grande do Sul, cidades como Porto Alegre e Pelotas, por exemplo, contam com templos positivistas, esses refletem o pensamento dos séculos XVIII e XIX, tendo como centralidade o culto pela ciência.

A segunda forma, se desenvolve no Nordeste, chamada de corrente heterodoxa, que nega todo tipo de religião, e percebe a corrente ortodoxa como uma contradição, já que estaria baseada no mito e metafísica, fugindo do ideal de progresso científico exposto pelo fundador. Do Positivismo no Brasil, se destacam dois nomes: Benjamin Constant e Teixeira Mendes (responsável por inscrever na bandeira nacional os ideais de Ordem e Progresso), ambos fazendo parte do campo político, influenciaram na forma de educar do Brasil.

O ano de 1889 marca a Independência do Brasil. Por meio da proclamação, o Governo Federal procurou instaurar um modelo educativo que suprisse as carências observadas no país; baseando-se no positivismo, a chamada pedagogia tradicional dava enfoque à disciplina e ao progresso. Johann Herbart, filósofo alemão, desempenhou um importante papel na educação do século XIX, seu método de ensino priorizava a passividade do aluno em relação ao professor e ao ensino.

No século XX, como esclarece Suhr (2012), ocorre um forte processo de industrialização no Brasil, fazendo com que o Estado se preocupasse com o preparo profissional dos alunos para o trabalho nas fábricas. Os cursos técnicos, mais curtos que a graduação, foram um reflexo do positivismo lógico.

Os poucos institutos de educação criados à época logo foram transformados em instituições de ensino superior e a formação de professores continuou sendo feita, marcadamente no curso normal. Foi nesse panorama que surgiu o curso de Pedagogia em

nosso país: temos, de um lado, o campo da educação buscando se firmar com caráter científico e, outro, assumindo, mesmo que indiretamente, falhas na formação dos professores (SUHR, 2012, p. 34).

Nesses institutos de educação, criou-se no ano de 1939, o curso de pedagogia no Brasil. Pedagogia (*paidós+agogé*), que etimologicamente referia-se à condução infantil, não estava necessariamente voltado à formação de professores, mas sim à preparação de técnicos educacionais. O contexto ditatorial do governo baseado no ideal de Comte, hierarquizava a relação entre pedagogo, professor e aluno.

Com o governo militar em 1964, o tecnicismo inseriu-se com intuito de fazer do capital internacional um elã à economia interna. Segundo Melo (2012), as universidades e institutos, por obedecerem um ideal tecnicista, baseavam-se na eficiência e produtividade. A lógica capitalista, que antes relacionava à gestão de empresas, passa a organizar o currículo, as provas e a didática do ensino dentro das escolas. A "*teoria do capital humano*", intencionava que o ensino deveria preparar ao trabalho, isso estava de acordo com as indústrias transnacionais instaladas no Brasil.

O idealizador da "*Teoria do capital humano*" foi Theodore Schultz (1902-1998), que nos anos cinquenta fora professor de Economia na Universidade de Chicago. Schultz pensa a educação humana como uma forma de preparação para o mercado de trabalho. Seu pensamento influencia a criação de modelos de educação tecnicista, fazendo com que o aluno seja apto, na idade adulta, ao trabalho em meios de produção de renda, como indústrias e fábricas.

6 SUPERAÇÃO DAS INCRUSTAÇÕES DO POSITIVISMO E UMA PROPOSTA DE ENSINO

O capitalismo se consolidou no Brasil de forma acentuada no século XX, com a

chegada de empresas multinacionais. O governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), incentivou indústrias de outros países, especialmente montadoras de automóveis a instalarem-se no país. A classe burguesa já ocupava lugares de poder, em especial na política, fornecendo incentivo ao ensino técnico que capacitava a mão de obra a produzir e trabalhar nessas empresas. Paulo Freire, pertencente à corrente pedagógica libertadora, fazendo crítica ao modelo exclusivista de ensino esclarece que:

Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e sua comunicabilidade. É imprescindível, portanto, que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de amaciá-la ou domesticá-la. É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de achar e obstaculiza a exatidão do achado. É preciso por outro lado e, sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor (FREIRE, 2007, p. 123).

Como se percebe, o objetivo de uma educação plena, consiste na assimilação pessoal do próprio aluno e na percepção de que goza de um papel ativo na aprendizagem. O educando não é um mero objeto de domesticação de ideologias. O papel da Filosofia, unificada à Pedagogia é propor métodos que se adaptem às realidades e contextos de vida. O aluno não pode ser tomado como um número, muito menos como uma folha em branco que precisa ser preenchida. Por distanciar a Filosofia da escola, o positivismo trouxe um senso acrítico sobre a realidade, tornando adultos alienados.

O papel do governo sobre o ensino também tem influência social. A superação de modelos não mais eficazes passa pela jurisdição do Estado. Conforme Suhr (2012), alguns influentes pensadores que desenvolveram uma visão contestatória ao

papel ideológico do Estado sobre a educação são: Louis Althusser (1919-1990) e Pierre Bourdieu (1930-2002).

Ambos europeus, analisam a educação francesa e denunciam a força que o Estado insere sobre os métodos de ensino. Althusser apresenta em seus estudos dois tipos de aparelhos de ideologização. O primeiro chamado "aparelho repressivo do Estado", manifesto por meio da coerção, encontra-se fisicamente em instituições como: cadeias, tribunais, exército e polícia. O segundo, denominado "aparelho ideológico do Estado", mais brando, mas não menos incisivo; encontrado nitidamente nos meios de comunicação e nas igrejas.

Bourdieu e Althusser fazem crítica ao sistema ideológico educacional do Estado, mostrando que existem interesses por trás dos métodos de ensino, que em geral adotam fisionomias que seguem o interesse da elite. A educação, portanto, não segue uma neutralidade. É necessário então, seguir com senso crítico sobre a realidade política e educacional; a crítica somente consegue realizar-se por meio da Filosofia aliada a Pedagogia, seguindo modelos não excludentes de ensino, que se adaptem aos contextos de cada região e aluno em particular.

O caráter crítico, herdado da Filosofia, apresenta-se em métodos pedagógicos que buscaram a superação de uma atitude passiva dos alunos, em vista da procura pelo protagonismo dos mesmos, isso se observa em modelos de ensino que buscam a corresponsabilidade didática e expositiva das aulas. A educação tradicional, tendia à exposição de conteúdos em forma monológica, tornando os educandos meros ouvintes, já os modelos ativos buscam fazer da sala de aula um ambiente de partilha de saber.

Com o surgimento de metodologias, denominadas ativas, o professor propõe problemas encontrados na realidade e usa-se deles para construir a aprendizagem coletivamente. O educador que usa da metodologia ativa, incita o aluno à busca

do conhecimento, desenvolvendo nele um caráter crítico e construtivo do saber; essa linha de educação alicerçada especialmente pelos trabalhos de Willian Glasser⁵.

Como proposta de superação às lacunas do ensino tradicional, a BNCC⁶ passou a apresentar modelos sugestivos, que foram estabelecidos pela observação de êxitos de outros países, vistos estatisticamente como notórios na educação, a Finlândia foi um deles. Com um percentual de 98% de alunos atendidos pela rede pública, o país conseguiu esse marco educacional através de Metodologias Ativas. Nesse tipo de abordagem, o aluno passa a ser o protagonista do ensino, enquanto o professor assume o caráter de mediador.

Na Finlândia destaca-se o método: Problem-Based learning (PBL); onde o professor propõe questões encontradas no cotidiano (porcentagens, estatísticas, análises literárias, encartes de lojas) e desafia os alunos a ligá-las com a matéria estudada. Essa metodologia já está sendo utilizada em algumas instituições no Brasil, como por exemplo, na Faculdade de Medicina de Marília (Famema) e no Colégio Sobralense Maria Dorilene Arruda Aragão (CE).

Percebe-se que a Metodologia Ativa ainda é carente nos ensinos fundamental e médio. A proposta para expandi-la aos demais momentos da formação escolar brasileira é inserindo-a ao currículo letivo municipal, incentivando pesquisas acerca de temáticas que se liguem a diversas áreas do conhecimento. As Metodologias Ativas podem contribuir para a elaboração do currículo escolar porque incentivam o caráter reflexivo do aluno, fazendo com que desenvolva um conhecimento ligado à vivência.

7 CONCLUSÃO

Pode-se concluir que o método pedagógico de ensino, em qualquer época da história, precisa pautar-se pela reflexão. A Grécia, sendo o berço de criação de teorias de pensamento, conseguiu levar o saber racional ao patamar de ciência, e o fez por entender a distinção entre opinião (*doxa*) e conhecimento embasado cientificamente (*episteme*). Passados tantos anos, a contribuição grega não deixou de ser atual. O caráter indagativo sobre a metodologia empregada nas áreas do saber se faz presente ainda no século XXI.

A educação no Brasil, desde a chegada dos portugueses, seguiu conceituações externas, ou seja, levava pouco em consideração a realidade local bem como suas formas de aprendizado. Seguindo modelos europeus, que pouco se ligavam ao contexto social do país, os líderes políticos pareciam não se preocupar com as classes desfavorecidas.

Os modelos europeus de ensino, instalam-se não apenas na época das reduções jesuíticas, mas estendem-se a períodos históricos posteriores. A Revolução Francesa, que foi o ápice do iluminismo, valorizou demasiadamente a ciência, primando pelo palpável e rejeitando todo o metafísico. Ao separar as ciências reflexivas das empíricas, a "revolução das luzes" efetuou um conhecimento truncado; porque deixou de lado o olhar crítico acerca do ensino empregado. O método na realidade virou um dogma.

A relação entre Filosofia e educação são imprescindíveis para uma maior solidificação de ensino, que se torna capaz de gerar senso crítico e opinião fundamentada nos alunos. O positivismo, propondo uma conduta pragmática de educar, influenciou inúmeras nações por identificar-se com os modelos de capital e trabalho.

5 Willian Glasser (1925-2013), foi médico psiquiatra norte americano, que desenvolveu estudos acerca da neurociência e educação. É o criador da Pirâmide de Aprendizagem, que em linhas gerais, esclarece que o aluno tem uma maior aprendizagem quando é ativo no processo de ensino, fazendo-se parte da explanação dos conteúdos propostos em aula.

6 Base Nacional Comum Curricular.

Os alunos, tratados com potencial trabalhista, passaram a ter consideração pelo que fazem e não por aquilo que são. O trabalho dignificaria o homem. Essa proposição torna-se ambígua, pois nem todos os povos concebem o mesmo entendimento sobre o trabalho (basta lembrar os indígenas e a não compreensão de seus costumes por parte dos colonizadores). O método generalizou-se, trazendo consigo a noção de igualdade, que somente macula a educação. Ao educar é preciso ser equitativo, aprendendo que nem todos os educandos tem as mesmas condições financeiras e concepções de vida. O tecnicismo, inserido com nitidez nos anos sessenta, época da ditadura militar, idealizou o empirismo e a educação preparativa ao trabalho empresarial. Ignorando as ciências reflexivas, como a filosofia e artes, centralizou o progresso, inseriu-se na educação do Brasil visando o destaque à prática e passou a moldar nesses objetivos todas as ciências curriculares.

Ainda hoje, o Exame Nacional do Ensino Médio, parece pautar-se pelo modelo positivista. Os vestibulares não fornecem com clareza uma forma de avaliar a preparação do aluno, seguem modelos assertivos prontos, matemáticos. O educando apenas deposita aquilo que aprendera por reprodução em sala de aula, sem muitas vezes perguntar-se os motivos, as metodologias de avaliação, e tampouco, efetuar uma reflexão sobre a ideologia educadora utilizada.

Para suprimir essas carências, pode-se tomar como base o modelo educativo do pedagogo Paulo Freire, que demonstrou ser possível utilizar-se de métodos que abarquem o contexto e a realidade de cada aluno. O modelo de Freire visa a educação inserida em contextos de pouco acesso, onde a implementação do saber em geral abarca realidades desfavorecidas. Sua proposta é construir uma educação que adapte-se às realidades locais, por isso assume um caráter pedagógico crítico, que vise a educação como prática libertária.

A Metodologia Ativa também é uma proposta atual e eficaz para a edificação de um conhecimento que incite os alunos ao saber não-reprodutivista. Ela surge como sugestão de ensino capaz de edificar nos alunos a participação e o compromisso com o material proposto pelo currículo escolar.

Percebe-se que funciona bem no ensino superior, porém precisa ser pensada no Brasil quando aplicada nas escolas de ensino fundamental e médio, pois exige compromisso e participação por parte do aluno e do meio em que vive. Ao adotar a Metodologia Ativa, o professor é mediador do saber; isso exige uma consciência e compromisso com a educação por parte de toda corrente acadêmica (pais, sociedade, professores e alunos).

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BONIN, Joel Cezar. Filosofia da Educação: Implicações e impactos na Pedagogia. **Revista Educe et Educare**, Caçador-SC, v. 23, n. 27, jan./abr. 2018.

CAMBRIDGE. **Dicionário de Filosofia**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2011.

COMTE, Auguste. **Discurso sobre o espírito positivo**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 46 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2007.

GODOI, Luiz Gonzaga Trigo. **Pensamento Filosófico**: um enfoque educacional. Curitiba: InterSaberes, 2013.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. **Constituição histórica da educação no Brasil**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2017.

MELO, Alessandro. **Fundamentos socioculturais da educação**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Antropologia Filosófica**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Filosofia pagã antiga. 4 ed. Vol.1. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **História da Filosofia**: Patrística e Escolástica. São Paulo: Paulus, 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes,

2004.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. Campinas: Autores Associados, 1989.

SCIACCA, Michele Federico. **História da filosofia**. 3 ed. Vol. 3. São Paulo: Editora Mestre Jou. 1968.

SUHR, Renate Fröse. **Teorias do conhecimento pedagógico**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

VASCONCELOS, José Antônio. **Fundamentos filosóficos da educação**. Curitiba: Ibepex, 2011.